

PASSADO PRESENTE: *HERANÇAS*, DE SILVIANO SANTIAGO

Gabriela Cristina CARVALHO¹
Universidade Federal de Santa Catarina
gabrielaccarvalho@hotmail.com

Resumo: Silviano Santiago em seu romance *Heranças* (2008) resgata, pela linguagem, um estilo de escrita próximo ao machadiano, fazendo do sujeito leitor participante da construção dos sentidos do texto, percebendo novos arranjos de significação. Esta leitura que tem como objetivo desvelar o romance *Heranças*, de Silviano Santiago, sob a perspectiva do pós-modernismo, refletindo sobre a maneira como foi construída essa narrativa, que dialoga com aspectos do pós-modernismo exercitando a linguagem com liberdade estilística.

Palavras-chave: pós-modernismo; literatura brasileira contemporânea; estilística.

Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Machado de Assis – Memórias Póstumas de Brás Cubas

É pelo viés memorialístico que Walter, o narrador de *Heranças*, de Silviano Santiago, aproxima sua história de vida ao leitor, que lê, além da ficção criada por Silviano, a autoficção de Walter, já que este ao fim de sua vida resolve registrar suas memórias – quem sabe reinventando-as – e as compartilha com seus leitores. É como se nos deparássemos com uma ficção dentro da ficção, recurso usado com maestria por Silviano Santiago para conduzir o leitor pelas 400 páginas de *Heranças* na companhia de Walter, o narrador-personagem, que ora se posiciona no presente, em seu apartamento em Ipanema, de frente para o mar, ora se posiciona no passado, na capital mineira.

Walter é um típico representante de uma classe social brasileira que enriqueceu com especulações na bolsa de valores, no mercado de ações e também no ramo de construção civil. Assim como Walter acumulava dinheiro, acumulava mulheres, nunca quis ter algum relacionamento duradouro, tampouco se permitiu ter filhos, fazer vingar o seu fruto. Tão logo soubesse da gravidez indesejada de uma de suas amantes “convocava o médico-aborteiro”.

Se ao ser depositada na caverna vaginal, a semente se desdobrasse em flor e fruto dentro do útero, o jardineiro de minha vontade – devidamente instruído pelo bem-estar financeiro do patrão – se adiantava ao ciclo natural de gestação, e ceifava a haste fértil com o podão. Ou acariciava o fruto, até que caísse do galho e estatelasse na terra, que nos há de engolir todos. (SANTIAGO, 2008, p.19)

¹ Mestranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do CNPq.

A postura assumida pelo narrador criado por Silviano Santiago, como o homem que escolhe as mulheres com que quer estar e as dispensa como garantia de não criar vínculos mais fortes, de acumular dinheiro e por ele assumir diante de tudo o poder que determina sua vida, reflete uma sociedade que vivencia o patriarcado, em que a mulher pode ser descartada com a mesma facilidade que com o dinheiro e pelo dinheiro sua vida sempre pode ser arranjada de maneira a estar em harmonia com seus desejos. “Morar sozinho trouxe uma desvantagem. Se, na hora do despejo, a amante se revelasse carrapato, ai, Deus meu! não havia advogado que, sem os protocolos da compensação pecuniária, derriçasse a pendência. E tome grana!” (SANTIAGO, 2008, p.18).

Walter é, agora, um ancião solitário e doente com um grande capital acumulado que não tem a quem deixar, mas resolve deixar um relato de sua vida, contando sua história, suas trapaças e as aventuras que viveu para alcançar o status que alcançou. Por vezes, parece que está no limite entre o delírio e a razão, parece fazer um esforço para recuperar os fatos pela memória e conta com a paciência do leitor “caro leitor, perdoe se forço a barra de sua paciência com dados circunstanciais (...)” (SANTIAGO, 2008, p.59). Mas esse recurso de linguagem não deixa de ser uma estratégia discursiva, construída por Silviano Santiago, para prender a atenção do leitor, conversando com ele e apontando que irá contar algum fato, mas postergando até onde for possível, recorrendo a uma retórica que já conhecemos em Machado de Assis e que Silviano faz questão de exercitar em *Heranças*, exigindo um leitor persistente e que se permita ser “moldado” pelo tom irônico da narrativa.

Voltemos ao paciente do dentista, perdão, ao escritório da imobiliária, de onde não deveríamos ter saído para a digressão bucal. Apressei o relato dos fatos para passar por cima de acontecimento triste. Em relatos como este, apressar significa perder tempo. Depois de a costura ser dada por encerrada, há que retomar o fio da meada, e bordar mais lentamente o tecido. Enfrento o touro dos fatos com as firulas de bom toureiro”. (SANTIAGO, 2008, p. 306)

Talvez o que mais intrigue o leitor de *Heranças* seja exatamente isso: por que Silviano Santiago, em 2008 publicaria um romance que recorre estilisticamente à prosa machadiana, em um momento que se permite uma fluidez da narrativa e da forma? Residiria, aqui, uma condição pós-moderna desse romance? O próprio Silviano em uma entrevista remete a essa questão como possibilidade de “inventar” novos leitores:

Antes de me exprimir por exemplos literários, vou pedir ajuda aos grandes experimentos nas artes plásticas, de que são exemplo, entre nós, tanto Ligia Clark quanto Hélio Oiticica. O espectador – em nosso caso, o leitor – não é um ser humano que enfrenta a obra de arte ao compasso do que vem sendo pré-fabricado pela sociedade de consumo – ou pela lista dos livros mais vendidos. A nova e original obra de arte é que *inventa* literalmente o espectador, ou o leitor. *Heranças*, antes de ser um trabalho com a tradição, é um trabalho sobre a possibilidade de invenção de novos leitores (...)²

Pensar que a obra de arte não é mais o romance em si, mas que essa obra escapa a seu suporte e acontece no momento da leitura, moldando e inventando o sujeito que a recebe é talvez uma característica pós-moderna que enfatiza a interpelação do leitor, a integração da leitura e, de certa forma, questiona a narração. Mas esta evidência seria, mesmo, pós-moderna? O modernismo, caracterizado pelas rupturas com o modelo clássico de arte já não

² Entrevista disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/02/entrevista-silviano-santiago/>

propunha isso? Compagnon (2010, p.119) sugere que sendo a ruptura uma ação moderna por excelência, o pós-modernismo na tentativa de romper com o moderno acabaria sendo o cúmulo do moderno, que carrega em si um sentido paradoxal: seria o pós-modernismo mais moderno que o moderno, ou uma regressão que se justificaria denunciando o moderno?

“Mas o pós-modernismo não nega o inteiramente o modernismo”, nos dirá Linda Hutcheon (1991, p.52). “Não pode fazê-lo. O que ele faz é dar ao modernismo uma interpretação livre” examinando-o criticamente para descobrir suas glórias e erros. Nesse aspecto, também, Compagnon (2010, p.121) concordará afirmando que “o pós-modernismo quis, pois, continuar o modernismo como negação e romper com o modernismo como cultura estabelecida, [ou seja,] os dois traços discordantes da vanguarda, o iconoclasmo e a utopia.”

A visão idealizada e estática da verdade sofre, assim, uma rejeição, ao invés disso, a pós-modernidade sustenta uma noção de verdade dinâmica, mutante, e condicionada por tempo, espaço e perspectiva, a marca desse tempo seria a efemeridade, a diversidade e a relatividade do conhecimento, de crenças e de valores humanos. Assim, surge o comprometimento com modos de pensar e representar que enfatizam fragmentações, descontinuidades e aspectos que não se pode medir de um dado objeto, favorecendo análises que realçam a montagem no lugar da perspectiva e a intertextualidade no lugar da referencialidade e o parcial no lugar do total, do abrangente.

Um dos pioneiros, em 1979, a fazer uso do termo pós-modernidade, foi o francês François Lyotard que a explica a partir do discurso literário, indicando esse momento como o fim das metanarrativas, ou seja, do declínio das grandes narrativas argumentando que a pós-modernidade se caracterizaria pela perda de legitimidade e poder por parte das grandes narrativas emancipatórias do Iluminismo, assim, seriam substituídas as grandes narrativas por outras de menor alcance e mais locais.

Para Lyotard, a condição pós-moderna se resumiria a um ceticismo ou descrença progressiva do sujeito contemporâneo na validade das metanarrativas e dos cânones tradicionais, já que o artista ou escritor estaria agora na posição de um ser inquieto, encontrando sempre maneiras de mudar as regras de composição de seus textos, jogando com as mais diferentes representações da realidade, através da transgressão da linguagem, não tendo que obedecer a regras fixas, a literatura trabalharia estimulando a língua pelo simples prazer de jogar fora das regras. “Pode-se realizar um lance pelo prazer de inventá-lo, (...) a invenção contínua de construções novas, de palavras novas e de sentidos, que no nível da palavra é o que faz evoluir a língua” (LYOTARD, 2004, p.17). Porém, Linda Hutcheon diz que “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico”, (HUTCHEON, 1991, p. 147).

O que se percebe em *Heranças*, é que a condição paradoxal do pós-modernismo está presente na narrativa até mesmo como metáfora para as posses de Walter, já que ele durante toda a sua vida amontou riquezas e agora não tem para quem as deixar, como se não houvesse uma *função* para seu capital acumulado. Logo, se faz presente o desperdício, assim acúmulo e desperdício caminham juntos, um inerente ao outro. Pode-se ler essa situação como metáfora de uma sociedade pós-moderna, já que o modernismo foi marcado por uma função, por um projeto racional e uma utopia de transformação social, então aqui aparece o acúmulo de capital como o esgotamento ou desvio de uma função que se transforma em desperdício, uma herança que não se tem a quem deixar.

Além dessa metáfora social, pode-se fazer uma relação com a proposta de Linda Hutcheon, quando aponta que a metaficção historiográfica, que aqui aparece, de certa forma, ao nível de linguagem, da estilística,

exige do leitor não apenas o reconhecimento de vestígios textualizados do passado literário e histórico, mas também a percepção daquilo que foi feito – por intermédio da ironia – a esses vestígios. O leitor é obrigado a reconhecer não apenas a inevitável textualidade de nosso conhecimento sobre o passado, mas também o valor e a limitação da forma inevitavelmente discursiva desse conhecimento. (1991, p.167)

Ressalte-se, porém, que qualquer tentativa de se falar de uma estética pós-modernista, ou de uma época pós-moderna é sempre um risco que se corre de ter mais questionamentos que respostas, contudo, ao que parece, o romance *Heranças* discute essas questões quando trabalha no nível da linguagem para fazer do sujeito leitor o próprio objeto de arte, exigindo dele a ironia necessária para continuar a leitura e perceber também a sutileza com que ironicamente se estabelece o vínculo entre ele e o texto. Essa condição já deve ser percebida desde o título do romance: *Heranças* no plural sugere que, mais do que aquilo que Walter deixará como herança, também é que aquilo que se faz presente no texto, aquilo que se herda, seja uma herança estilística, da qual Silviano Santiago lança mão, ou aquela que cada leitor traz consigo e que o permite fazer relações intertextuais. Compagnon, ao finalizar sua discussão sobre o pós-modernismo e exaustão, no livro *Os cinco paradoxos da modernidade*, conclui questionando: “sem desfecho a propor, que narrativa sustentar? Se a obra de arte vale por si mesma e não por sua situação na história, como avaliar uma sequência de obras descontínuas? Para além da autorreferência e da autossuficiência da arte, questionando seu próprio estatuto, a ironia é o critério”. (2010, p.133)

Referências

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1991.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Heranças**: Rio de Janeiro, Rocco, 2008.

_____. **Entrevista:** Silviano Santiago. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/02/entrevista-silviano-santiago/>> acesso em: 12/10/11.